



A LENDA DE
OÃDA
A Árvore da Prosa

Giotto Vassoia

Capítulo de Amostra

**A LENDA DE
OÃDA
A Árvore da Prosa**

Giotto Vassoia

Este livro é protegido por direitos autorais e sua propriedade intelectual é de propriedade exclusiva do autor.

Ao baixar este livro, receberá uma amostra gratuita que inclui apenas um capítulo do livro do original. Este capítulo é fornecido apenas para fins de avaliação e não pode ser distribuído ou reproduzido sem a autorização expressa do autor.

Concorda também em não copiar, distribuir, vender ou explorar comercialmente o conteúdo em qualquer forma sem o consentimento por escrito do autor. Não fazer engenharia reversa, descompilar ou modificar o código-fonte do livro.

O autor não se responsabiliza por qualquer dano ou perda resultante do uso deste livro, incluindo erros ou omissões no conteúdo. O livro é fornecido “como está” e sem garantia de qualquer tipo, expressa ou implícita.

Ao baixar e ler este livro, concorda com todos os termos e condições estabelecidos nesta página. Se tiver alguma dúvida sobre o uso do mesmo, entre em contato para obter mais informações.

Título

A Lenda de Oãda: A Árvore da Prosa

lendamais.com

Quando vocês ouviram e creram na palavra da verdade, o evangelho que os salvou, vocês foram selados em Cristo com o Espírito Santo da promessa, que é a garantia da nossa herança até a redenção daqueles que pertencem a Deus, para o louvor da sua glória.

Efésios 1:13-14



Capítulo 1
FAMÍLIA

Como de costume, àquela altura do ano, via-se as ruas de Basmut pintadas de diversas cores, desde os passeios até as casas e os estabelecimentos comerciais. Para além das tintas, que a realeza exigia que fossem sempre baseadas em água para serem simples de remover, os moradores faziam enfeites coloridos de papelão e ornamentavam as entradas das suas residências. Estes enfeites normalmente tinham o formato dos emblemas das suas equipas favoritas de *Ventuss*, o desporto mais famoso entre os Arretianos. Era comum haver moradores que, por serem adeptos de equipas rivais às dos seus vizinhos, enfeitavam as suas casas de ponta a ponta, sendo por vezes impossível reconhecer as residências. Quem ganhava com isto eram os comerciantes que, controlando o calendário da temporada desportiva, criavam os ornamentos das equipas mais populares para vender com no mínimo dois meses de antecedência.

Omena e a sua família eram adeptos dos Leões Indomáveis, uma equipa que, nos últimos trinta e nove jogos, dominava a tabela de classificação, não tendo perdido um único jogo. Agora, na quinquagésima segunda jornada, enfrentariam os Braços da Tempestade, que estavam em segundo lugar, num jogo que decidiria a liderança da liga principal do desporto dos obstáculos. Este era o tópico de conversa à mesa do almoço no palácio dos Ziad, onde Omena, a sua família e os seus amigos estavam reunidos naquele início de tarde de sábado.

‘Tenho certeza absoluta que os Leões vão ganhar’ – disse Lário,

Capítulo 1: Família

enquanto servia a sua quinta fatia de lasanha, – ‘não é como se houvesse uma equipa melhor do que eles nesta temporada’.

‘Eu ouvi dizer que os Braços da Tempestade estão em boa forma’ – disse Harmónia, que estava sentada entre Cheni e Lorde, – ‘eles destruíram os Párthomus Unidos na última partida’.

‘Todo mundo destrói os Párthomus’ – disse Lorde, numa risada, – ‘eles estão no último lugar da tabela desde que a temporada começou’.

‘Esta vai ser a última temporada deles’ – disse Otília, delicadamente limpando a boca com o guardanapo. Diensa, que estava sentada ao seu lado, fez um sinal para um dos serventes que estava em pé para trazer mais guardanapos para a rainha, – ‘o Barbodus vai fechar o clube. Está há anos a perder dinheiro’.

‘Coitado’ – disse Júlia, cuja roupa branca combinava com a decoração, – ‘é realmente difícil igualar o talento e a paixão que o pai dele tinha. Ele ainda é jovem. Tem muitas opções’.

‘Avó, a tua ideia de jovem é um pouco enganadora’ – disse Omena, que estava sentada ao lado da Tígia e da Pipa, – ‘o Barbodus é mais velho que a minha mãe. Ela não é exatamente jovem. Quando o pai dele tirou a famosa foto dos reis na piscina que está no primeiro volume de História de Arret, ele já era ancestral’.

‘Quando chegares à minha idade’ – disse Júlia, dando um gole no seu cálice, – ‘vais perceber que a juventude é apenas um estado de espírito’.

‘Eu não sou um estado de espírito’ – disse Pipa, com um olhar

sarcástico para a sua avó, – ‘vovó é mesmo velha’.

Omena riu-se enquanto bebia do seu cálice. O sumo saiu pelas narinas. Todos que estavam à mesa riram-se, enquanto Omena tentava controlar o seu próprio riso e limpar o sumo que havia despejado na sua roupa. Omena levantou-se e foi até ao seu quarto para trocar-se. Ao abrir a porta, sentiu a brisa do meio-dia, que entrava pela janela aberta, invadir o seu rosto.

O quarto da Omena estava completamente mudado. Ela mesma tinha feito tal mudança. Na verdade, o quarto completamente arrumado e arejado da Omena refletia o novo ambiente que havia na sua casa. Os eventos do último ano fizeram com que Omena e a sua mãe conseguissem um relacionamento estável, saudável e livre de atritos. Era quase como um sonho para ambas poder acordar e não se preocupar com a ideia de se cruzarem uma com a outra nos corredores do palácio. No princípio, a princesa vivia em ceticismo. A temporada que passara com a sua avó na terra dos Oruvê lhe tinha dado uma nova perspetiva sobre como a vida com uma figura materna podia ser. Porém, Omena receava que não fosse possível para ela e Otília terem algo semelhante ao que a princesa tinha com a sua avó, e nem era como se Júlia e Omena tivessem algo tão profundo ou admirável. No fundo, o que Omena queria era, da mesma forma que havia conseguido com a sua avó, poder ter um relacionamento tranquilo com a sua mãe. Não sabia se tinha sido Júlia, Pipa, o facto de estar longe de casa por tanto tempo ou a combinação de todos estes fatores que fez com que as

Capítulo 1: Família

coisas entre mãe e filha mudassem, mas estava grata porque assim tinha sido. Em parte, era esta leveza no seu coração que também levou Omena a ter o seu quarto organizado como uma prioridade. Não era mais um lugar escuro e depressivo. Era constantemente cheio de luz. No lugar da bola de discoteca que costumava ficar pendurada no seu teto, havia um lindo lustre que, naquela altura do dia, refletia de um modo espetacular a luz que vinha de fora. As cortinas e janelas estavam sempre abertas. A parede preta onde costumava ficar o desenho do mapa com todas as passagens secretas agora tinha um grande desenho da família Ziad que Pipa tinha feito. Aqui, a família Ziad era Júlia, Otilia, Omena e a própria Pipa. Pipa, mesmo não conhecendo Danz, o primo de Omena que se rebelou contra os reis, quis desenhá-lo. Foi Omena quem pediu que ela não o adicionasse ao retrato.

Depois de Omena trocar as suas roupas, escutou alguém bater à porta do seu quarto. Virou-se e viu a sua amiga Tígia à entrada. ‘Estávamos a pensar em ir até ao palácio do conselho e resgatar o Imo e a Shadma do trabalho’ – disse Tígia, entrando e fechando a porta atrás dela, – ‘para assistirem a partida connosco’.

‘A ideia é boa’ – disse Omena, amarrando o seu massivo cabelo afro, – ‘mas a Shadma leva tão a sério o trabalho dela que acho que seria difícil convencê-la a sair de lá tão cedo’.

‘Ela só está a querer compensar pelas regras que quebrou’ – disse Tígia, sentando-se na cama de Omena, – ‘precisas apenas de liderar

pelo exemplo. Mostra-lhe que tu quebraste muito mais regras do que ela e que está tudo bem’.

‘Pois, daí ela joga-me na cara que sou uma princesa’ – disse Omena, – ‘e que, por isso, tenho privilégios que os outros não têm. E blá blá blá’.

Tígia riu-se.

‘Essa sou eu, Omena’ – disse Tígia, – ‘a Shadma tem um pouco mais de bom senso’.

‘Ah, então é mesmo sobre bom senso, não é?’ – disse Omena, como se Tígia tivesse confessado um crime para o qual Omena estava a tentar encontrar provas para a incriminar.

‘Depois de teres esfregado isso na minha cara’ – começou Tígia, – ‘só posso aceitar que é mesmo sobre bom senso’.

‘Pelo menos estamos na mesma página’ – disse Omena, – ‘falando em página, ando à procura do meu diário. Não o encontro’.

‘Talvez a Pipa o tenha levado emprestado’ – disse Tígia, – ‘já que lhe deste passagem livre ao teu quarto’.

‘Não, eu já perguntei a ela’ – disse Omena, – ‘estou há dias nisso e não o encontro’.

‘Eventualmente ele aparece’ – disse Tígia, – ‘coisas perdidas têm um jeito interessante de encontrar o seu caminho de volta’.

‘Que filosofia é essa agora?’ – perguntou Omena, com um olhar de suspeita.

‘Eu perdi os brincos da minha madrasta uma vez’ – disse Tígia, – ‘não conseguia lembrar-me onde os tinha deixado. Descobri

semanas depois dentro de um livro que estava a ler sobre como treinar gatos sem que eles se ofendam’.

‘Oh’ – disse Omena, ligeiramente perdida por palavras, – ‘não sei se estou mais interessada nos gatos que se ofendem ou nos brincos que encontrei’.

‘O indomável gato é da minha madrasta’ – disse Tígia, – ‘eu podia jurar que ele entende o que as pessoas dizem’.

‘Eu queria ter um gato que entendesse o que eu digo’ – disse Omena, num tom sonhador, – ‘imagina. Alguém que posso mandar para onde for, fazer o que for e que seja ágil o suficiente para não deixar nenhuma barreira o impedir’.

‘Isso é o oposto do Bigodudo’ – disse Tígia, num tom obscuro, – ‘aquele gato lança um olhar tão ameaçador que a pessoa que deu o comando acaba pessoalmente fazendo o que o gato era suposto fazer’.

‘Intenso’ – disse Omena, – ‘já agora, como está a tua madrasta?’.

‘Cheia de trabalho’ – suspirou Tígia, – ‘a coitada mal tem tempo para uma refeição decente. Na semana passada, ela comentou por alto sobre o desejo que tem de deixar de ser porta-voz da realeza’.

‘Entendo’ – disse Omena, – ‘realmente os tempos são complicados. A minha mãe contou-me que alguns governadores estão a insistir que a guarda real invada e desfaça o submundo. Os reis estão a fazer braço de ferro com eles porque sabem que não é tão simples assim. Então, as comunicações entre a realeza e os governadores não param. Pela primeira vez em séculos, os governadores ameaçaram

passar por cima das decisões dos reis e agir de forma independente. Só que foi mesmo apenas uma ameaça. Aparentemente o Shofil é o novo trunfo dos reis e todo o mundo olha para ele como antes olhavam para o Bestúg’.

‘A alma da Omena a salvar o dia’ – disse Tígia, num tom comemorativo.

‘Às vezes parece que nada do que nós fizemos fez alguma diferença’ – disse Omena, – ‘o conselho continua a querer empurrar a mensagem de Oãda para longe. A Essentia Regul continua inquebrável. É meio frustrante’.

‘Nada fez diferença, Omena?’ – perguntou Tígia, revelando braveza na sua voz, – ‘tu salvaste um povo inteiro do reinado da Mentira. Tu trouxeste a tua avó, que todos acreditavam estar perdida para sempre, de volta para casa. A Kerkrina foi finalmente liberta da prisão por tua causa. Basmut está finalmente estável por causa da presença do teu extrahumano. Omena, fez toda a diferença! De norte a sul, Arret está mudada para melhor por tua causa’.

‘E o meu primo virou uma aberração e quer destruir a realeza’.

‘Tu não tinhas como evitar isso, Omena’ – disse Tígia, – ‘o Danz já estava com essas ideias antes mesmo de viajarmos à Vila da Caridade’.

‘Hm’ – suspirou Omena.

‘Omena, olha para mim’ – disse Tígia, levantando-se e segurando o rosto da princesa, forçando-a a olhar nos seus olhos, – ‘valeu sim a pena. Vai continuar a valer. Continua a guiar-nos com Oãda

como a tua referência, está bem?’.

Omena acenou lentamente. Desde que voltaram da terra sem nome meses atrás, a Tígia tinha voltado a ser a pessoa com quem contava quando sentia que estava a ficar sem forças. Tígia sempre foi alguém que entendia a Omena, às vezes melhor do que ela mesma. Era a amiga que a fazia sentir que não estar sempre com o Shofil não era um problema.

Omena ouviu passos frenéticos aproximarem-se da porta do seu quarto. Instantes depois, viu a cabeça da Pipa a espreitar pela abertura da porta, com um largo sorriso no rosto.

‘Sobremesa!’ – exclamou Pipa, ainda sorridente, – ‘pudim!’.

Momentos depois, Omena, Pipa e Tígia fizeram-se de volta ao salão onde estavam os outros ainda à mesa. Chegaram a tempo de se deliciarem com a sobremesa que os serventes estavam a trazer da cozinha.

‘Mãe’ – disse Omena, depois de engolir o pedaço de pudim de leite que tinha na boca, – ‘tu e os outros reis vão assistir à partida?’.

‘Vamos, sim’ – disse Otília, – ‘é parte da tradição ter os reis no estádio na última jornada da temporada. Tu sabes disso’.

‘Sim, eu sei’ – disse Omena, – ‘mas vocês têm tido reuniões do conselho quase diariamente agora. Pensei que talvez isso fosse afetar a agenda e a vossa aparição lá’.

‘Regra número vinte e oito do Livro Real?’ – perguntou Otília à Omena.

‘Sempre que possível, atender as expectativas do povo’ – disse

Omena, com tédio na voz.

‘Eu também vou ter de decorar essas regras?’ – perguntou Pipa, servindo mais pudim.

‘Ah, espera até estares no segundo ano da Academia Real’ – disse Omena, – ‘não vais achar tão divertido quanto estás a achar agora’.

‘Escola para mim é sempre divertida’ – disse Pipa, – ‘eu gosto de aprender’.

‘É verdade’ – disse Júlia, – ‘a Pipa passava muito tempo nas aulas na terra dos Oruvê. Participava até em aulas que eram avançadas demais para a idade dela’.

‘Esse é o espírito’ – disse Diensa, que estava a levantar-se da mesa, dando ordens aos serventes para tirarem os pratos dos que já tinham terminado de comer, – ‘talvez a Pipa consiga ensinar à Omena quão nobre é vestir a coroa’.

‘Nem que o sol congele’ – disse Omena, – ‘o máximo que vão conseguir é aumentar o meu recorde de pessoas que tentaram convencer-me de que o trono é o lugar para mim e falharam miseravelmente’.

‘Quando o momento chegar’ – começou Harmónia, que já tinha terminado o seu pudim, – ‘ela vai entender’.

Omena lançou-lhe um olhar perfurador.

‘Entendendo ou não’ – disse Lário, levantando-se, – ‘está na hora de sairmos’.

‘Tu só comeste uma fatia de pudim?’ – perguntou Cheni, admirado.

‘Não viste o tamanho da fatia do Lário’ – disse Tígia, igualmente

levantando-se, – ‘o suficiente para fazer digestão por dois meses’. ‘Eu preciso da minha energia’ – disse Lário, seguindo Tígia para fora do salão onde estavam a tomar a refeição.

‘Mãe, nós precisamos ir até ao palácio do conselho’ – disse Omena, virando-se para a rainha, – ‘temos soldados disponíveis?’.

‘Termolo, Roberta e Limor estão de plantão’ – disse Otília, – ‘eles podem acompanhar-vos. Eu irei com Mioleste’.

Algumas semanas atrás, após as ameaças dos governadores de atacarem o submundo de Basmut por conta própria, os reis de Arret decidiram que os membros das famílias reais deviam andar sempre com escoltas. Sempre que Omena saía, tinha de ser acompanhada por soldados. Otília era sempre acompanhada por Mioleste – um soldado valente que costumava acompanhar o Bestúg em missões perigosas. Para a princesa, há alguns anos, este cenário seria uma grande chatice, mas desde que o Shofil tomou o manto de capitão da guarda real, ela passou a apreciar um pouco mais o trabalho dos seus subordinados.

Omena, Cheni, Harmónia, Lorde e Pipa seguiram Lário e Tígia até a entrada principal do palácio dos Ziad. Quando a grande porta se abriu, depararam-se com o enorme campo de flores que decoravam a passagem e a silhueta de três soldados, refletindo a luz do início da tarde com as suas armaduras.

‘Olá, Limor. Roberta. Termolo’ – disse Omena, enquanto a porta se fechava atrás deles.

‘Olá, Omena’ – disse Termolo, com um largo sorriso no rosto, –

‘sempre é um enorme prazer vê-la’.

‘Se controla, rapaz’ – disse Roberta, cuja armadura era diferente da dos outros dois. Tinha um formato feminino, parecendo até mais flexível. Em suas costas estava anexado um enorme bumerangue dourado, – ‘ela não precisa da tua bajulação agora’.

‘Mas eu *estou* muito feliz em vê-la!’ – insistiu Termolo, virando-se para a irmã e sacudindo-a pelos ombros. Harmónia colocou-se no meio e abraçou fortemente Roberta, em forma de saudação. Roberta, que estava tão entusiasmada por ver Harmónia, sorria enquanto retribuía o abraço com outro igualmente forte. Elas carregavam colares iguais para representar sua amizade.

‘Eu também estou muito feliz em vê-los, Termolo’ – disse Omena, sorrindo, – ‘é sempre melhor estar com vocês, que são meus amigos, do que estar com soldados que parecem espantalhos. Sem ofensa para os outros membros da guarda’.

‘Eles estão apenas a fazer o trabalho deles’ – disse Limor, enquanto fazia um aperto de mão complicado com Lário, – ‘nem toda a gente viu-te crescer’.

‘Oh, enfim’ – disse Omena, – ‘vamos? Precisamos de ir ao palácio do conselho para tentar convencer o Imo e a Shadma a virem assistir a partida mais tarde’.

‘Espero que os Braços da Tempestade esmaguem os Leões na partida de hoje’ – disse Limor. Omena e Pipa viraram-se para ele boquiabertas, com cara de indignação.

‘Apostem’ – disse Lário, com um tom provocativo.

Capítulo 1: Família

‘Se os Leões ganharem, eu fico com a tua espada’ – disse Pipa, apontando para a espada que estava embainhada na armadura do Limor.

‘Eu só vou rir da tua cara até o ano terminar’ – disse Omena, andando em direção ao caminho do jardim, – ‘e olha que faltam muitos meses’.

‘Eu acho melhor começares a despedir-te da espada, Limor’ – disse Lorde, seguindo Omena, – ‘os Leões não vão perder’.

‘Tanta convicção’ – disse Termolo, enquanto caminhavam na direção do portão, – ‘não têm medo de uma grande decepção?’.

‘Não seríamos bons adeptos se não acreditássemos, mesmo com tudo a apontar para o contrário’ – disse Tígia, – ‘e ajuda que os Leões têm muito a contar em seu favor’.

‘O Termolo só está a fazer caso porque os Leões ganharam dos Talozios Esmeraldas’ – disse Roberta, – ‘a equipa favorita dele’.

Harmónia seguiu Pipa para o meio das flores do jardim. Lorde, Lário, Cheni e Termolo continuavam a discutir os últimos resultados do Campeonato de *Ventuss*. Tígia conversava com Roberta e com Limor sobre algo que a princesa não conseguia ouvir porque estava a andar atrás de todo o grupo. Enquanto caminhava lentamente, Omena contemplava o jardim. Costumava desprezar aquele lugar. Via-o como símbolo do relacionamento quebrado que tinha com sua mãe. Sempre que voltava para casa, era forçada a passar por aquelas flores e sentia o seu coração contrito, entristecido, derrotado

e desesperado por uma saída para aquele ciclo que não parecia ter fim. Finalmente, depois de anos de luta, conseguiu livrar-se de tanta negatividade. Dava crédito à sua jornada em busca de Oãda, que em tão pouco tempo foi capaz não só de transformar o relacionamento com sua mãe, como também a dinâmica política de Arret. Não estava tudo a correr como gostaria, mas era um grande avanço. Quando olhava para Pipa, pensava no futuro com a esperança de uma terra melhor e livre para escolher seguir a verdade.

‘O que é?’ – perguntou Harmónia, vendo que Omena estava a olhar para ela e para Pipa enquanto saíam de entre as flores.

‘Eu acho que nunca me vou acostumar’ – disse Omena, num suspiro, – ‘tu és simplesmente muito bonita’.

‘*Omena!*’ – retrucou Harmónia, visivelmente encabulada, – ‘se não parares com isso, vou chamar-te de princesa’.

‘Hehehe... *Touché*’ – disse Pipa, olhando para Omena com um sorriso desafiador.

Quando chegaram ao portão, tal como sempre, este abriu-se automaticamente. Limor organizou todos numa formação ensaiada e, num passo igualmente premeditado, caminharam pelas ruas de Basmut. As ruas estavam cheias de soldados.

‘Onde é que está o Shofil?’ – perguntou Lorde à Roberta.

‘Ele está a liderar o grupo de soldados escalados para a partida’ – respondeu Roberta, caminhando com o olhar fixo no caminho à frente, – ‘mas a tensão com o submundo continua. Para ser sincera,

estou meio surpresa com a decisão dos reis de não cancelar o evento. Acho arriscado ter um ajuntamento de pessoas tão grande com tanta instabilidade. O Shofil é poderoso, mas quantas pessoas ele pode salvar de uma só vez?’.

‘É uma pergunta válida’ – disse Tígia, que caminhava ao lado de Omena, – ‘só que cancelar o evento seria tirar ao povo a tranquilidade da ideia de que os reis têm tudo sob controle’.

‘Talvez seja esse o plano do pessoal do submundo’ – disse Cheni, – ‘dar a todos uma falsa sensação de segurança e depois, quando todos estiverem com a guarda baixa, atacar’.

‘De qualquer das formas’ – disse Omena, – ‘não podemos deixarmos intimidar. E, por favor, parem de falar do submundo como se todas as pessoas lá fossem más. É apenas um grupo que está a desafiar o reino. Eles são parte do nosso povo’.

Roberta olhou para Omena e sorriu.

‘Yo, princesa’ – disse Termolo, – ‘eu estava aq–’.

‘Termolo, eu vou arrancar-te a cabeça’ – interrompeu a princesa, falando calmamente, mas passando a mensagem que queria passar de forma muito clara.

‘Ah’ – disse Termolo, – ‘desculpa. Omena. Sim. Eu estava aqui a pensar. Sendo que o Shofil é o teu extrahumano, não serias tu o alvo mais provável dos que querem dar um golpe de estado? Se tu... bem, se morres, então o Shofil também desaparece. Não é?’.

‘Esse é o motivo pelo qual ela sempre tem escolta, Termolo’ – disse Roberta, – ‘para mantê-la protegida. Sem contar que ela e Shofil

estão sempre conectados. Ele sempre sabe quando a Omena está ameaçada e vai ao seu socorro no mesmo instante. Ainda tem o facto de que foi a Omena quem derrotou o Rumoro. Ela não é uma princesa indefesa’.

Omena lançou um olhar para Termolo que parecia perguntar “isso responde a tua pergunta?”. Termolo soltou um assobio longo, em admiração.

‘Isso é algo que eu gostaria de ter assistido’ – disse Limor, que andava por trás do grupo, – ‘Omena versus Rumoro. Nem mesmo Lário versus Danz eu consegui presenciar’.

‘Bem, eu basicamente morri naquela batalha’ – disse Lário, – ‘se é que posso chamar de batalha. Uma mísera tentativa de ganhar tempo e impedi-lo de fugir. Nem funcionou’.

‘Eu acho que a Omena é o membro de uma família real que tem o maior e mais impressionante registo de embates improváveis’ – disse Lorde, – ‘não encontro nada nos livros que se compare ao que ela já conseguiu alcançar’.

‘Guerreira Omena é um título mais apropriado’ – disse Cheni, cutucando Pipa. Pipa virou-se para ele com um olhar ameaçador. Todos sabiam que ela queria ser capitã da guarda um dia.

‘Eu não sou tudo isso que vocês estão a dizer’ – disse Omena, dando para perceber o desconforto com o tópico na sua voz, – ‘eu tive ajuda em praticamente tudo que vocês me dão crédito. Honestamente, se fosse pelas minhas próprias forças, tenho a máxima certeza de que teria perdido a vida há bastante tempo’.

‘Eu entendo a tua modéstia, Omena’ – disse Harmónia, – ‘mas se ajuda chegou até ti, é porque, no mínimo, ela era digna de se apresentar a ti’.

‘Mas... eu...’ – Omena perdeu-se por palavras.

Lorde virou-se para Harmónia com um olhar de aprovação. Sabia que Harmónia tinha dito que a ajuda era digna de se apresentar, porque se tivesse dito que a Omena era digna de ajuda, a Omena teria, novamente, um argumento para diminuir os seus feitos.

‘Omena, olha’ – disse Cheni, apontando para um grupo de crianças que caminhavam na direção deles. Vendo a pessoa a quem elas seguiam, lançou-lhe um suspiro e um olhar um tanto desdenhoso.

‘Príncipe’ – disse Omena, quando estavam finalmente próximos um do outro.

‘Projeto de Princesa’ – disse Obiô, apaticamente.

‘Para onde vais com tantas crianças?’ – perguntou Omena, cumprimentando-as com um sorriso simpático no rosto.

‘O príncipe está a levar-nos para conhecer os jogadores dos Leões Indomáveis’ – disse um dos meninos, com muito entusiasmo.

‘Ai é?’ – disse Omena, lançando outro olhar sarcástico ao Obiô, – ‘pelo que me lembro, o príncipe não é nada fã de *Ventuss*. Vejo que há sacrifícios necessários para agradar o nosso público e os nossos seguidores’.

‘Não és totalmente inútil, afinal de contas’ – disse Obiô, ainda apático, – ‘entendes o conceito de sacrifício’.

Omena franziu a testa com uma expressão de confusão no rosto.

Obiô virou-se para as crianças e fez um sinal com a mão para que o seguissem. Estas acenavam para a Omena em forma de despedida, enquanto seguiam o príncipe que se tinha afastado do grupo sem nenhum tipo de saudação aos outros.

‘Pelos vistos a guerra continua’ – disse Lorde, olhando na direção do Obiô.

‘Idiota’ – disse Omena, seguindo o caminho.

‘Eu não entendo aquele jovem’ – disse Lário, – ‘eu pensava que ele era contra a ideia da tia Otília casar-se com o Perguss. De repente já está a favor?’.

‘Não foi tão de repente’ – disse Tígia, aproximando-se e ficando ao lado da Omena, – ‘no início, a mãe da Omena queria casar-se com o Perguss para livrar-se da coroa por causa da própria Omena. Pelo menos essa é a versão que a rainha contou à Júlia e à Nena quando voltamos da terra dos Oruvê. Claramente, esse motivo não agradava nem um pouco ao Obiô. Agora, por causa da instabilidade política e a família Ziad sendo o alvo principal, ele apoia o casamento. Será muito mais difícil fazer um golpe contra o reino se a coroa dos Ziad não existir mais. Só que a Júlia conseguiu convencer a Otília a não seguir com tal plano. Ironicamente, o motivo é que a Omena está disposta a lutar pelo reino. Ela e o Shofil, como capitão da guarda’.

‘Então, o Obiô quer que os Ziad se desfaçam da coroa para sempre por causa de uma ameaça temporária de guerra?’ – perguntou Cheni, – ‘soa-me um pouco radical’.

Capítulo 1: Família

‘Para o Obiô não é só uma ameaça de guerra temporária’ – disse Harmónia, – ‘o argumento dele é que estes rumores de guerras só existem por causa de toda a história dos reis que, durante milénios, têm procurado desacreditar e apagar da história a Lenda de Oãda. Para ele, é lógico pensar que os Ziad entregando a coroa é um pequeno sacrifício para salvar o reino’.

‘Eu não entendo como isso pode salvar o reino’ – disse Termolo, – ‘que lógica tem?’.

‘Diz-se que a minha família é quem está a criar instabilidade’ – disse Omena, com um semblante sério, – ‘eu, tendo quebrado uma lei que era suposto ser inquebrável e trazido um extrahumano no processo, e o Danz, que todo mundo vê como uma ameaça para os tronos. Se a minha mãe casar-se com o pai do Obiô, o poder passa para o Perguss e, politicamente, os Ziad deixam de existir. Assume-se que isso seja o suficiente para desfazer parte da tensão entre os governadores e os reis’.

‘Mas isso não tira os poderes do Danz’ – disse Termolo, – ‘tu não deixas de ser parte da realeza. Só farias parte da família do Perguss’.

‘Ninguém sabe exatamente a extensão dos poderes do Danz’ – disse Omena, – ‘alguns acreditam que ele não tenha tanto poder quanto se está a imaginar. Quanto a mim, ser da realeza não é um problema. Estar na linha para o trono é que é. Pensa no Danz, por exemplo. Antes dos poderes dele, ninguém olhava para ele como uma ameaça, mesmo sendo sobrinho da rainha. É o trono que assusta essas pessoas. Se do nosso lado não houver trono para eu

herdar ou ele roubar, há, na visão dos governadores, esperança’. ‘Não te estresses com isso, Omena’ – disse Roberta, – ‘o povo está pronto para lutar por ti’.

Omena virou-se para ela e deixou escapar um meio sorriso.

Quando chegaram à entrada do palácio do conselho, os soldados que estavam na entrada afastaram-se para dar espaço para o grupo entrar. Roberta, Limor e Termolo despediram-se do grupo e ficaram do lado de fora.

‘Este lugar é enorme’ – disse Cheni, – ‘da vez que entrei aqui era noite e eu estava com sono. Isto é... incrível’.

‘É realmente incrível’ – acrescentou Harmónia, olhando para cima enquanto caminhavam, – ‘dá uma sensação de... divindade’.

‘Essa era a ideia quando os antigos reis construíram’ – disse Lorde, – ‘era suposto ser um lugar de acesso ao público. Um lugar onde o povo vinha para cimentar a ideia de que os reis eram uma espécie de deuses na terra’.

‘Tudo que eu consigo pensar é que os reis antigos eram crianças com medo de espaços pequenos’ – disse Pipa, enquanto se fazia para frente do grupo, guiando o caminho.

Tígia e Lário riram-se. Harmónia, Cheni e Lorde, que estavam mais próximos de Omena e que repararam que ela tinha um semblante ainda muito sério, apenas soltaram curtos risos.

O grupo, ainda liderado por Pipa, seguiu pelas escadas até ao piso onde ficavam os conselheiros. Ao entrar numa das salas, depararam-se com Shadma e Imo, no meio de um monte de papéis. Pareciam

Capítulo 1: Família

estar muito calmos para o caos que era aquele lugar.

‘Eu nem vou perguntar’ – disse Tígia, aproximando-se de Shadma e dando-lhe um abraço.

‘Eu vou’ – disseram Cheni e Lário simultaneamente. Daí, Cheni concluiu perguntando: ‘O que é tudo isto?’.

‘Relatórios de conselhos de reis antigos’ – disse Imo, segurando a mão de Lário com a sua mão envolta de faixas brancas, – ‘estamos basicamente a estudar as decisões antigas para ver se conseguimos ter alguma perspectiva diferente para o futuro’.

‘Soa entediante’ – disse Pipa, pegando num dos papéis e lendo.

‘Quando tu fores rainha, este também será parte do teu trabalho’ – disse Shadma, com um sorriso no rosto.

‘Ela quer ser capitã da guarda’ – disse Omena, antes que Pipa pudesse retrucar.

‘Encontraram alguma coisa útil?’ – perguntou Lorde, também pegando num dos papéis para ler.

‘Só alguns documentos que mostram como o pai do rei Arthuro era um homem sábio e sensato’ – disse Shadma, segurando uma pilha de papéis amarrados com cordas de sisal, – ‘honestamente, se não fosse por aquele homem, possivelmente Arret teria virado cinzas’.

‘É uma pena que o Arthuro não herdou isso do pai’ – disse Lário, num tom fúnebre.

‘Então’ – disse Imo, virando-se para Omena, – ‘a que devemos

esta honrosa visita?’.

‘Oh, sim’ – disse Omena, voltando a concentrar-se, – ‘vínhamos convidar-vos a assistir a partida de *Ventuss* conosco’.

‘Não vale dizer não’ – disse Cheni, de forma ameaçadora.

‘A resposta é sim’ – disse Shadma, lançando um olhar confortante a Cheni, – ‘só que talvez tenhamos de nos ajustar. Prometemos aos nossos pais que iríamos em família. Vocês estarão na bancada real. Podemos tentar convencê-los a ficar lá também, mas eles estão cansados de tudo o que tem a ver com trabalho. Não querem sentir-se como se estivessem em missão de serviço’.

‘Oh’ – disse Omena, pensativa, – ‘faz sentido. Tal como a madrasta da Tígia’.

‘Ya’ – disse Tígia, – ‘e ela nem vai assistir a partida. Para poder descansar’.

‘Enfim’ – disse Lário, sentando-se numa cadeira avulsa, – ‘tentamos. Imo, como está o teu braço?’

‘Bem melhor’ – disse Imo, abrindo e fechando a mão que tinha as faixas, – ‘o médico disse que poderei tirar estas coisas daqui a uma semana. A outra boa notícia é que conseguiram criar um antídoto eficaz contra o veneno dos Marode’.

‘A sério?’ – disse Omena, num tom de espanto e admiração.

‘A Kerkrina passou os últimos meses a analisar as amostras’ – disse Imo, – ‘junto à equipa médica que está a estudar armas biológicas, encontraram uma solução. Ainda leva um tempo considerável para sarar, mas pelo menos não permite que o veneno se espalhe

tão rapidamente’.

‘Incrível!’ – exclamou Harmónia.

‘É realmente incrível’ – disse Lorde, – ‘eles estavam também a fazer experiências para ver se replicavam o soro regenerativo do Danz, né?’.

‘Sim’ – disse Imo, – ‘mas, como vocês sabem, na noite do aniversário da Omena, ele destruiu a própria casa. Perderam-se todas as evidências. Ninguém sabe como é que ele conseguiu fazer algo tão complexo. As únicas duas coisas que sabemos são que ele usa uma variante de Vinoxol que ninguém sabe como ele criou e uma quantidade ridiculamente alta de ouro’.

‘Aconselhamos aos reis que falassem com a Júlia, para que ela ajude a encontrar a fórmula’ – disse Shadma, – ‘não é um perfume, mas talvez ela, com o conhecimento que tem, possa desvendar o mistério’.

‘Boa sorte’ – disse Omena, – ‘a minha avó não quer saber de nada que tem a ver com o que a realeza está a fazer. Quer desfrutar da vida que não teve sob o jugo da Mentira’.

‘Só que se ela não ajudar, corremos o risco de não ter mais nada para desfrutar neste reino’ – disse Shadma, – ‘se descobrirmos os segredos do soro regenerativo, podemos combatê-lo’.

‘Estás a soar como o Obiô’ – disse Omena, num tom irritado.

Houve um silêncio constrangedor na sala. Todos ali sabiam quão rapidamente Obiô tinha passado do lado bom para a lista negra da Omena. A ideia de que sua família era o centro das atenções neste



conflito e que boa parte das possíveis soluções estavam acopladas aos seus movimentos deixava Omena chateada. Principalmente porque, no fundo, queria acreditar na redenção do seu primo.

Ouviram-se passos pesados vindo do lado de fora da sala. Daí, um homem alto e forte, vestindo o que eram claramente roupas que só a realeza tinha acesso, entrou no local.

‘Opah, me desculpem. Não sabia que estava ocupada’ – disse o homem com uma voz profunda.

‘Estamos só a fazer uma pesquisa’ – respondeu Imo, – ‘mas, caso queira usar a sala, podemos retirar-nos’.

‘Não, não será necessário’ – disse o homem, – ‘vou procurar uma sala vazia. Preciso concentrar-me e ensaiar o discurso para a partida de mais logo’.

O homem virou-se para Omena e, num gesto cordial, cumprimentou-a.

‘Princesa Omena’ – disse o homem.

‘Príncipe Értrox’ – disse Omena, numa vénia quase imperceptível.

‘Tu farás o discurso de abertura?’ – perguntou Lário, entusiasmado, – ‘fixe! Não que não queira que o rei Arthuro faça o discurso. É que... bem, é sempre ele. Parece sempre dizer a mesma coisa’.

‘Seria ele’ – disse Értrox, – ‘mas o meu pai não está tão bem de saúde. Não vai poder participar’.

‘O que é que ele tem?’ – perguntou Tígia, curiosa.

‘Na noite passada, ele reclamava de dores pelo corpo todo’ – disse Értrox, – ‘esta manhã, os médicos vieram e, depois das análises,

disseram que ele foi apanhado pela virose que corre por aí. Não seria tão severo, se não fosse a idade. Recomendaram repouso’.

‘Rápidas melhoras ao rei’ – disse Lorde, – ‘e boa sorte no discurso’.

‘Obrigado’ – disse Értrox, fazendo uma vénia e andando em direção à porta. Quando já ia saindo, virou-se para Omena e perguntou:

‘Quem é o capitão dos Leões?’

‘Leoneu Loufot’ – disse Omena, – ‘por quê?’.

‘Preciso decorar esse nome para o meu discurso’ – disse Értrox, novamente despedindo-se e saindo da sala.

‘Ele é um pouco esquisito’ – disse Pipa, assim que o filho do Arthuro estava longe o suficiente para não escutar.

‘Um pouco?’ – disse Lário, rindo-se, – ‘ele é o ápice da esquisitice’.

‘Lário!’ – retrucou Tígia, – ‘Értrox é uma das poucas pessoas naquela família que parece ter a cabeça no lugar’.

‘É muito inteligente’ – disse Shadma, – ‘nos últimos meses tem participado das reuniões do conselho de reis. Todas as intervenções dele têm sido úteis’.

‘É uma pena que ele não esteja em linha para o trono’ – disse Imo, num tom desanimado.

‘Porquê?’ – perguntou Pipa, virando-se para Imo, cheia de curiosidade.

‘Ele tem um irmão mais velho’ – disse Omena, – ‘Kavo. É o herdeiro do trono da família De Tonisk. Quase tão idiota quanto o pai’.

‘Ah’ – disse Pipa, pensativa, – ‘porque é que o Kavo não faz o

discurso na partida?’

‘Porque ele está de viagem’ – disse Shadma, – ‘junto a outros conselheiros. A tentar negociar com os governadores das províncias de Arret’.

‘Não deve ser tarefa fácil’ – disse Lorde, – ‘ir até onde a tensão está montada’.

‘O rei Lamiro tem filhos?’ – perguntou Harmónia.

‘Não, não tem’ – disse Tígia, – ‘nem esposa tem. Uma vez a minha madrastra disse que ele comentou que família só atrapalha’.

‘O que acontece se ele morrer e não tiver ninguém para ficar no trono no lugar dele?’ – perguntou Cheni, com uma expressão de confusão no rosto.

‘Tecnicamente, a família do Lamiro perde o estatuto real’ – disse Imo, – ‘mas, na prática, é um pouco mais complicado. Na geração passada, isso aconteceu. Com a família Vryerto. O rei morreu e não tinha filho algum. O conselho reuniu-se e decidiu que o irmão mais novo do rei falecido ficaria em seu lugar. O tal irmão é o Perguss’.

‘E como foi uma decisão da realeza’ – começou Lorde, – ‘ninguém contestou’.

‘Pessoal, está quase na hora’ – disse Omena, virando-se para o grupo, após ter lido a hora no relógio de parede que estava naquela sala, – ‘Shadma e Imo, vocês vêm connosco?’

‘Ah, sim’ – disse Shadma, saindo do meio da pilha de papéis, – ‘vou só tomar um banho rápido no piso de cima’.

Imo também levantou-se e seguiu. Omena sentou-se num dos sofás,

enquanto assistia o resto do grupo a conversar. Tígia aproximou-se com cautela, sentou-se lentamente ao lado de Omena, respirou fundo e virou-se para ela.

‘Vai ficar tudo bem, amiga’ – disse Tígia, com uma pequena voz. ‘É muita pressão, Tígia’ – disse Omena, baixo o suficiente para que só Tígia pudesse escutar, – ‘o que mais me incomoda é que por vezes penso que talvez as pessoas têm razão. Talvez a minha mãe devia mesmo entregar o trono ao Perguss. Talvez a minha avó, mesmo depois de tudo o que ela passou e claramente estar a precisar de repouso, devia ajudar no laboratório na luta contra o Danz. Sem contar que é o seu próprio neto. É família’.

‘Por agora, não penses nisso’ – disse Tígia, – ‘agora vamos nos divertir. Assistir a partida. Depois quebramos o nariz do Obiô e de quem mais achar que tem graça mexer com a família dos outros’. Omena virou-se para Tígia com uma expressão rasa. Seus pensamentos queriam traí-la, negando tudo o que a amiga dissera. Ao mesmo tempo, Omena sabia da habilidade que tinha de bloquear pensamentos negativos em sua mente, por um tempo, antes que estes se tornassem um problema de ansiedade para ela. Foi desse recurso que ela se socorreu.

‘Está bem’ – disse Omena, levantando-se, – ‘Pipa!’.

‘Mana?’ – virou-se Pipa, que estava de costas para Omena.

‘Vai dizer à Shadma para não demorar no banho’ – disse Omena, – ‘não quero que nos atrasemos’.

‘Ceeerto!’ – cantarolou Pipa, enquanto se fazia em direção à porta,

– ‘e o Imo?’.

‘Tu não vais entrar no balneário dos rapazes, Pipa!’ – retrucou Omena, – ‘e o Imo é um rapaz. Eles não demoram nessas coisas’.

‘Ah, mas como é que achas que o Imo mantém aquela aparência de galã?’ – perguntou Lário, num tom sarcástico.

‘Opah, opah’ – disse Lorde, enquanto Cheni ria-se, – ‘se banho equivale à beleza, então Harmónia deve dormir na banheira’.

‘*Ei!*’ – disse Harmónia, entre riso e indignação, – ‘eu estou bem aqui!’.

‘Interessante observação, camarada Lorde’ – disse Lário, imitando uma voz profunda e um sotaque carregado, – ‘acho que seria benéfico substituímos a cama de Tígia por uma banheira’.

‘*Eu vou te bater!*’ – disse Tígia, correndo na direção de Lário, enquanto Omena e os outros enchiam a sala de gargalhadas.

Quando estavam todos prontos, caminharam juntos até à entrada, onde encontraram Limor, Roberta e Termolo à espera deles. Juntos foram até à entrada do estádio, que já estava abarrotada de adeptos à espera do momento em que os portões abririam. À volta do corredor dedicado ao pessoal da realeza estava repleta de soldados. Omena e seus amigos aproximaram-se da entrada do mesmo e, sem aviso, escutaram um alto relincho vindo do seu lado direito. A silhueta de um grande e forte cavalo preto e seu cavaleiro com duas espadas nas costas, que formavam um X, estava diante deles. A luz do sol atrás daquela paisagem, refletida na armadura vermelha e dourada

do cavaleiro, dava um tom dramático ao cenário.

‘Bela entrada’ – disse Lário, cumprimentando o cavaleiro que já havia desmontado o cavalo.

‘Omena, o teu Extrahumano está cada vez mais exibido’ – disse Tígia, também cumprimentando-o com um sorriso no rosto.

‘Ele não é exibido’ – disse Pipa, entusiasmada, – ‘é a aura de um capitão da guarda’.

‘Ela me entende’ – disse Shofil, apontando para Pipa.

‘Qualquer um com duas espadas nas costas vai passar por exibido’ – disse Omena, depois de dar um abraço ao Shofil.

‘E que espadas’ – disseram Lorde e Cheni simultaneamente.

‘A que devemos esta honrosa aparição?’ – perguntou Harmónia, num tom que Shofil reconheceu como amigável.

‘Bom, estou apenas a patrulhar’ – disse Shofil, – ‘ver se está tudo bem. Vi-vos a chegar e aproximei-me para cumprimentar’.

‘Está tudo tranquilo?’ – perguntou Omena.

‘Por enquanto, sim’ – disse Shofil, – ‘foi um desafio alocar os soldados, visto que ainda não recuperamos do nosso défice de pessoal por completo. Trabalhamos com o que temos’.

‘Não recuperaram porque vocês são teimosos’ – disse Pipa, – ‘se me contratassem, não teriam problemas de pessoal’.

‘Não posso usar todas as minhas boas cartas de uma vez’ – disse Shofil, sorrindo para Pipa. Pipa virou o rosto, encabulada.

‘Onde está o Thúndio?’ – perguntou Imo, olhando à sua volta.

‘Ele viajou com o Kavó’ – disse Shofil, – ‘está a liderar o grupo

de soldados da escolta do príncipe’.

‘Precisamos entrar’ – disse Omena, conclusivamente – ‘vemos-nos depois?’.

‘Com certeza’ – disse Shofil, – ‘venho visitar-te mais tarde’.

‘Está bem’ – disse Omena, acenando a Shofil, – ‘até logo!’.

O grupo entrou para o estádio, ao som de Lário e Pipa, que entoavam: “*Os Leões a perder? Ilusões! Esquecer! Os Leões a vencer! As bandeiras a erguer!*”. Enquanto subiam as escadas, conseguiam escutar, de algum lugar dentro do estádio, o som dos civis a entrar. Ao mesmo tempo, ouviam um vento muito forte soprar. Um vento que vinha de dentro do estádio.

‘Pessoal, acho que aqui vocês não precisam preocupar-se’ – disse Omena a Limor, Roberta e Termolo, – ‘ninguém entra nesta ala a não ser a realeza’.

‘Está certo’ – disse Limor, esticando-se, – ‘nós vamos até ao outro lado para assistir ao jogo. Quando terminar, encontramos-nos na entrada’.

‘Perfeito’ – disse Omena.

‘Até já’ – disse Roberta, seguindo Limor e Termolo.

Quando finalmente chegaram à bancada da realeza, os soldados que estavam lá posicionados cumprimentaram-lhes e, ao olhar para o campo, viram uma alta floresta de obstáculos. Alguns fixos no chão e outros suspensos no ar, pela força do vento que vinha das hélices espalhadas pelo campo. As bancadas já estavam cheias de pessoas sentadas, aguardando o momento em que a partida ia

começar.

Omena e os amigos sentaram-se nos assentos à direita dos quatro tronos reservados aos reis. Enquanto o faziam, viram homens e mulheres vestidos de fatos especiais, que lhes permitiam voar com o vento, entrar no estádio tão rápido como aves de rapina, esquivando-se dos obstáculos. A torcida foi à loucura. Eram os jogadores dos Leões Indomáveis e dos Braços da Tempestade, que estavam a fazer o voo de aquecimento.

‘Eu nunca me vou acostumar a isto’ – disse Lário, entusiasmado, – ‘olha só para aquilo! Genial, genial!’.

Enquanto o grupo comentava sobre os jogadores, Omena viu Otília, Lamiro e Perguss chegarem. Atrás deles estava o filho do rei Arturo – o Értrox. Júlia também tinha chegado com os reis e, avistando Omena e os outros, aproximou-se.

‘Posso sentar-me com os novinhos?’ – disse Júlia, tentando fazer a sua voz ser audível no meio de tanta gritaria.

‘Só se for para vibrar como nós!’ – disse Tígia, que estava a dançar ao som da música que tocava no estádio.

‘Omena, nós vamos procurar os nossos pais’ – disse Shadma, levantando-se, – ‘creio que eles estejam no andar de baixo’.

‘Está bem, Shadma’ – respondeu Omena, meio tristonha, – ‘divirtam-se!’.

Momentos depois, Értrox levantou-se após ser anunciado pelo mestre de cerimónia e fez o seu discurso. Omena e companhia tentavam segurar os risos provocados pelos erros de leitura que

o príncipe estava a ter, por causa do nervosismo. Quando Értrox terminou o discurso, o estádio aplaudiu com alaridos, e o árbitro iniciou a partida.

O objetivo era simples: coletar todas as sete bandeiras da equipa adversária. Cada equipa tinha um total de cinco jogadores em campo. Dois deles eram os que deviam apanhar as bandeiras. Chamavam estes de Lanças. Os outros três deviam proteger as suas próprias bandeiras. Chamavam estes de Escudos. Se um Lança, no campo do adversário, fosse tocado por um Escudo, o Lança tinha de voltar ao seu campo e recomeçar a sua jogada. Isto tudo, tentando manter o equilíbrio enquanto voava e geria o vento vindo das hélices espalhadas pelo estádio e esquivando-se dos obstáculos móveis. Os Escudos podiam agarrar-se uns aos outros para impedir a mobilidade do adversário e facilitar o trabalho dos Lanças, mas tinham de ter cuidado, porque alguns movimentos não eram permitidos e, havendo uma falta grave, poderiam deixá-los vulneráveis a perder uma das suas bandeiras. O jogo apenas terminava quando uma das equipas conseguia coletar todas as bandeiras do adversário.

A partida estava equilibrada nos primeiros vinte minutos. Os amigos de Omena gritavam sempre que um dos Lanças dava, em pleno voo, um mergulho afiado em direção às bandeiras dos adversários. A voz da narradora era a única que se podia entender no meio de tanta agitação. Os Leões Indomáveis eram rápidos e assertivos, movimentando-se quase sem fricção entre os ventos

e os obstáculos. Os Lanças dos Braços da Tempestade, apesar de ágeis, tinham a difícil tarefa de passar por Almirath, Boosk e Parjo, os Escudos da Liga com mais defesas e com menos bandeiras perdidas. Leoneu, um dos Lanças dos Leões, foi quem deu início ao marcador, coletando a primeira bandeira. Narz e Guro, os Lanças dos Braços da Tempestade, trabalharam em conjunto para coletar a sua primeira bandeira.

‘Atenção agora, Narz dos Braços da Tempestade a avançar pelo lado direito!’ – exclamou a voz da narradora pelos altifalantes, – *‘Ele faz um mergulho arriscado, cortando o vento como uma lâmina! Almirath, o imponente escudo dos Leões Indomáveis, está a postos para interceptar. Mas olha só a habilidade de Narz! Com um movimento impressionante, ele desvia na última fração de segundo, escapando por um triz! Isso, senhoras e senhores, é pura destreza no ar!’*

E enquanto Almirath ainda se recupera, temos Guro dos Braços da Tempestade a aproveitar a brecha! Os escudos Parjo e Boosk estão distraídos com Narz – e isso vai custar caro! Guro vai em direção à bandeira do flanco esquerdo dos Leões. Ele acelera! Os escudos não vão conseguir fechar o caminho a tempo! Guro apanha a bandeira! Está feito, ele rouba a bandeira!

Mas espera, Leoneu, o lança dos Leões, parte em perseguição! Ele é rápido, não vai deixar isso barato. Guro tem de passar pelos

*obstáculos móveis! Consegue desviar, mas Leoneu está logo atrás!
Isto é tenso!*

*E agora! Narz reaparece no campo de visão! Que manobra incrível
– ele intercepta Leoneu, obrigando-o a mudar de direção! Isto
dá o espaço necessário para Guro avançar com a bandeira. Vai
conseguir! Vai... e consegue! Os Braços da Tempestade empatam
o jogo!*

*Que momento eletrizante! Este é o tipo de jogo que nos deixa na
ponta dos assentos! Jogadas dignas da última jornada de Ventuss
da temporada!'.*

O ritmo do jogo ia ficando cada vez mais intenso. Sem cometer falta alguma, as duas equipas conseguiram puxar-se ao limite do legal, coletando as bandeiras em meio a piruetas, jogadas de mestres, mergulhos espetaculares e fintas que meros mortais podiam apenas sonhar um dia conseguir replicar.

Num mergulho final, onde o estádio todo já conseguia antecipar que seria o movimento da vitória, Leoneu coletou a última bandeira, tornando os Leões Indomáveis os campeões. Omena gritou tanto que Júlia, sentada ao seu lado, assustou-se antes de juntar-se à comemoração. Conseguiam sentir o chão do estádio vibrar. Lário, Lorde, Cheni e Pipa batiam nas cadeiras vazias à frente deles, como se fossem batuques, enquanto entoavam algo que Omena não

conseguia escutar. Tígia dançava ao som das batucadas, enquanto Harmónia gritava ‘*Campeões! Campeões! Campeões!*’ batendo fortemente as palmas.

Após a cerimônia de premiação, Omena levantou-se e sugeriu aos amigos que fossem todos até ao salão no piso inferior para cumprimentar os jogadores. Todos levantaram-se e seguiram Omena até à entrada do salão.

As pessoas que tinham comprado bilhetes especiais para interagir com os jogadores estavam ali, e era muita gente. Omena teve de pedir licença para poder criar passagem para ela e para o grupo. Quando finalmente chegaram perto dos jogadores, Almirath reconheceu a princesa e chamou-a, bem como ao grupo, para aproximarem-se. Omena instruiu os seus amigos para seguirem até onde os jogadores estavam e, quando Harmónia, que era a última pessoa na fila, passou, a princesa sentiu alguém bater-lhe no ombro, caminhando na direção contrária.

Quando Omena ia virar-se para pedir desculpa, viu uma figura encapuzada, cruzando a multidão. Omena olhou atentamente e, no mesmo instante, o seu coração pulou. Omena virou-se e seguiu aquela figura, indo também contra o fluxo do movimento dos fãs dos Leões. Quando finalmente se desfez da confusão, correu para tentar alcançar a figura encapuzada, que já estava a entrar num corredor à esquerda. Ao virar-se, não viu ninguém. Era apenas ela num corredor vazio. Instintivamente, correu até ao fim do mesmo,

que levava para outra entrada à direita. Fazendo a curva, Omena viu a figura, no fim deste segundo corredor, virar novamente à esquerda. A princesa correu, sentindo o seu coração bater forte no peito. Ela precisava alcançar aquela pessoa. Ao fazer a última curva, via soldados posicionados na entrada. No fundo, já fora do estádio e a caminho de uma floresta no horizonte, estava a figura encapuzada, com o manto arrastando-se pelo chão. Omena correu mais rápido do que achava possível. Antes de chegar aos soldados, amarrou o cabelo na tentativa de não chamar tanta atenção e correr o risco de ser rapidamente reconhecida e impedida de seguir. Passou pelos guardas em alta velocidade e, sem olhar para trás, adentrou a floresta.

Continuou a correr até não conseguir mais ouvir o som dos alaridos vindos do estádio. Era só ela, os poucos raios de sol que penetravam o local e os seus pensamentos acelerados na mente. Caminhava lentamente, pisando os galhos no chão com cautela, atenta aos sons à sua volta. O seu coração estava tão acelerado que fazia o seu peito doer.

De repente, Omena escutou passos. Parou de andar para os seguir com os ouvidos. Não foi preciso muito esforço para finalmente ver de quem eram. O ser encapuzado apareceu à sua frente.

‘Perdida?’ – perguntou uma voz familiar por baixo do capuz.

‘Quem está perdido és tu, Danz’ – respondeu Omena, com confiança na voz.

A figura à sua frente tirou o capuz. Diante da princesa estava o seu

primo. Um curto corte de cabelo. Suas dreads não existiam mais. Os seus olhos, tão penetrantes como Omena os conhecia, porém frios e calculistas. O rosto liso, cheio e imaculado revelava que, de alguma forma, ele estava bem cuidado. Apesar disto, Omena sentia que estava a olhar para um fantasma. Algo que foi, mas nunca a deixou em paz. Danz Ziad. Aquele que traiu a realeza. A Chama no Jardim. O seu mentor. O seu primo. Qual deles era ele naquele momento?

‘Recordo-me como se fosse ontem’ – disse Danz, virando-se de costas para a Omena e olhando para as árvores na floresta, – ‘lembras quando nos perdemos neste lugar? Tu achavas que ficaríamos perdidos para sempre’.

‘Lembro, sim’ – respondeu Omena, soltando o cabelo, – ‘quando os guardas nos encontraram, vimos que o caminho de volta estava bem à nossa frente’.

‘Pois é’ – disse Danz, virando-se para Omena, – ‘bem à nossa frente’.

‘É verdade?’ – perguntou Omena, – ‘tudo o que me contaram sobre ti?’.

‘Tu sabes que as pessoas sempre aumentam um ponto nos contos’ – disse Danz, casualmente.

‘Porquê ir tão longe, Danz? Não eras feliz?’.

‘Não se trata de mim, Omena. É mais complexo do que isso’.

‘Tu enfiaste uma espada no Lário! E deste a espada ao Rumoro para matar-me’.

‘Em relação ao Lário, foi necessário. Quanto a ti, achas mesmo que eu tenho poder sobre os Marode?’.

‘Eu... eu não quis acreditar quando me contaram. Tu não és um assassino’.

‘Tu não sabes o que eu sou, Omena. Tu nem sabes quem tu és’.

‘Eu sou Omena Ziad. Princesa de Arret’.

‘Nem tu mesma acreditas nisso. Tu não queres afiliação com o trono’ – disse Danz.

‘Se tu querias assim tão desesperadamente, por que não pediste a minha coroa, Danz?’ – perguntou a princesa.

‘Porque não é assim que as coisas funcionam, princesa. Tu sabes disso’ – respondeu Danz.

‘*Não me chames de princesa!*’ – exclamou Omena.

‘Então, diz-me quem tu és!’ – desafiou Danz.

‘Eu já disse quem eu sou!’ – insistiu Omena.

‘Não. Tu me dizes quem os outros dizem que tu és. Quem és tu, Omena?’ – questionou Danz.

‘*Cala-te, Danz!*’ – ordenou Omena.

A voz de Omena ecoou pela floresta. Danz olhava para ela atentamente. Omena havia lançado seu olhar para o chão, desviando do contacto visual e escondendo as lágrimas que enchiam seus olhos. Sentia-se confrontada por aquela velha questão. “Quem sou eu sem a coroa?”, pensou Omena. Será que esse era o motivo pelo qual estava tão relutante em relação à ideia de entregar o trono ao Perguss? Não podia ser. Ela continuaria uma princesa. Então,

onde estava a sua verdadeira identidade?

‘Pensa, Omena’ – disse Danz, – ‘quem és tu?’

‘Eu sou Omena. Só Omena’ – disse a princesa, com firmeza.

‘Finalmente’ – disse Danz, – ‘quando embarcaste em tua aventura em busca de Oãda, onze anos atrás, não foi em busca dessa identidade? Simplesmente Omena, sem coroas, sem títulos. Alguém digno de ser, sem precisar de anexos’.

‘Aonde tu queres chegar com esse discurso?’ – perguntou Omena, limpando as lágrimas dos olhos e olhando para Danz novamente.

‘Tu não foste a única que procurou informações sobre Oãda durante todo aquele tempo’ – disse Danz, – ‘e estou surpreso que nunca tenhas deduzido que eu iria atrás dele’.

‘Como assim?’ – perguntou Omena, perplexa, caminhando lentamente na direção de Danz.

‘Por que é que os reis criaram a Essentia Regul?’ – perguntou Danz, – ‘na desesperada tentativa de manter o mundo além do véu – e, conseqüentemente, Oãda – fora do alcance dos corações do povo desta terra. Eles temem Oãda mais do que qualquer outra coisa’.

‘O que isso tem a ver com a tua presumida busca por Oãda?’ – perguntou Omena, aproximando-se ainda mais. Danz assistia-a, parado.

‘Nunca foi segredo algum o meu ódio pela realeza’ – disse Danz, – ‘eu precisava entender como é que Oãda poderia destronar os reis e toda a sua corrupção’.

‘Entendo’ – disse Omena, perto o suficiente para ver os detalhes

no corte de cabelo de Danz, – ‘então como é que duas pessoas que buscaram por Oãda tornaram-se tão diferentes?’.

‘Eu precisava que Oãda se proclamasse rei’ – disse Danz, – ‘salvar este povo da opressão destes malditos reis. Mas ele, segundo as fontes que coletei, não veio para se proclamar rei. Por isso, eu precisei procurar por alternativas’.

‘Inacreditável’ – disse Omena, – ‘parece até que nunca te conheci’.
‘Eu continuo o mesmo, Omena’ – disse Danz, – ‘mas a tua solução para o reino é diferente da minha’.

Omena olhou para Danz. Sentia um aperto no seu coração. Queria gritar, abraçá-lo e esbofeteá-lo... tudo ao mesmo tempo. Não sabia exatamente o que fazer a seguir.

‘Onde é que estiveste escondido esse tempo inteiro?’ – perguntou Omena, antes mesmo de pensar se era uma boa ideia fazer aquela pergunta.

‘Nunca saí de Basmut’ – disse Danz, – ‘vocês é que são cegos’.
‘Irônico’ – disse Omena, – ‘antes, enviavam-te a ti quando queriam encontrar-me. Agora, eu é que encontro-te estando tu escondido’.
Danz deixou escapar uma curta risada.

‘Qual é o teu plano?’ – perguntou Omena, – ‘eu não posso deixar-te destruir os reis’.

‘Este é o meu plano’ – disse Danz, apontando o cenário, – ‘acho que está na hora de saberes o que o submundo esconde’.

‘O submundo?’ – perguntou Omena, em espanto.

‘Encontra-me aqui amanhã. À mesma hora’ – disse Danz, – ‘vem

sozinha’.

‘Eu ando cercada de soldados, Danz’ – disse Omena, – ‘não posso simplesmente vir à floresta sozinha’.

‘Estás aqui sozinha agora, não estás?’ – disse Danz, com um meio sorriso, – ‘tu és Omena. Driblar guardas é canja para ti. Vais saber o que fazer. Além disso...’.

Omena deu um suspiro antes de tapar a boca com as duas mãos para não soltar o agudo grito preso em seus pulmões. Dezenas de lobos saíram da escuridão da floresta e cercaram Danz e a princesa. ‘...estes lobos só não farão mal a ti e a mim’ – concluiu Danz, – ‘se vieres com mais alguém, não terei como salvá-los’.

‘Eu não sabia que esta floresta tinha lobos’ – disse Omena, ainda assustada, a olhar para os lobos.

‘Nem eu’ – disse Danz, voltando a vestir o capuz, – ‘é um dos muitos mistérios do submundo. Enfim, mantém este encontro em segredo. Não que faça muita diferença para mim. Só não acho que vão deixar-te sair se souberem que vens ter comigo’.

Danz começou a caminhar em direção à escuridão da floresta. Os lobos assistiram-no por um momento e voltaram para as trevas de onde tinham vindo.

‘*Danz!*’ – gritou Omena.

Danz virou-se e encarou-a novamente.

‘Por que é que tu não me mataste? Se eu morro, o Shofil também sai do tabuleiro e tens abertura para dar um xeque-mate aos reis’.

‘Eu pensei que tivesses dito que eu não sou um assassino’ – disse

Capítulo 1: Família

Danz, – ‘e eu sei que não te sentiste ameaçada. Senão, o Shofil teria aparecido para te socorrer. Além do mais, não é ele quem me impede de tomar o trono’.

Danz virou-se novamente e seguiu o caminho, desaparecendo na densa escuridão da floresta.

A LENDA DE
OÃDA
A Árvore da Prosa